



Blumenau

em Cadernos

TOMO IV — AGOSTO 1961 — Nº 8

S. A. COMERCIAL MOELLMANN

Fundada em 1869



FERRAGENS

MATERIAL PARA CONSTRUÇÕES

FERRAMENTAS

TINTAS E ESMALTES

PORCELANAS

LOUÇAS E VIDROS



UMA ORGANIZAÇÃO BLUMENAUENSE COM 92 ANOS DE
TRADIÇÃO, QUE ATENDE OS SEUS FREGUESES
E AMIGOS COM

SERIEDADE **A**BSOLUTA E **C**RITÉRIO **M**AXIMO

SOCIEDADE **A**NÔNIMA

CASA

MOELLMANN

BLUMENAU em CADERNOS

Tomo IV | AGOSTO DE 1961 | N.º 8

Novamente: o “CAMINHO VELHO”

P. RAULINO REITZ

No nr. 5 — Maio 1961 — Tomo IV de **Blumenau em Cadernos** C. Deeke Barreto pôs dúvidas sôbre a interpretação da origem que eu fazia em meu trabalho “Botânicos no bissecular “Caminho Velho” (Blumenau em Cadernos - tomo IV - fevereiro 1961 - nr. 2) de um dos nossos caminhos mais velhos.

Segundo escrevera, baseado e até citando textualmente grande parte do trabalho publicado pelo historiador Carlos da Costa Pereira, dizia que o “Caminho Velho” que ligava S. Francisco do Sul a Curitiba foi construído pelo então Governo do Brasil-Colônia. A documentação existente em S. Francisco do Sul, citada por C. da Costa Pereira é tão vasta que não há dúvida sôbre esta minha interpretação. Os descendentes dos que trabalharam na abertura do referido caminho ainda contam pormenores dos trabalhos da construção. Os operários que trabalhavam no barro percebiam 8 vinténs e os da pedra 16 vinténs, portanto o dôbro.

Mas C. Deeke Barreto acha mais viável a versão que H. Bachl parece dar à origem do “Caminho Velho” no artigo “A velha estrada Dona Francisca” publicado em jornais em 11 de agosto de 1950: esta via seria muito mais antiga e já fôra usada pelos jesuítas mais de um século antes quando rumavam do litoral catarinense, por terra, às Missões no Paraguai.

Para poder apresentar um panorama mais completo sôbre o que há de histórico ou de lendário sôbre o “Jesuitenweg” (Caminho dos Jesuítas) escrevi a Cyro Ehlke (C. postal, 143 — Ponta Grossa - Paraná) grande estudioso dos assuntos relacionados com caminhos antigos e o povoamento do planalto catarinense. Ehlke tem quase elaborado um volumoso livro intitulado “A conquista do Planalto Catarinense” que será editado provavelmente em 1962. “Data venia” transcrevo “in totum” a carta-resposta, em que, com autoridade, decide sôbre a verdade histórica da origem do “Caminho Velho”.

Ponta Grossa, 2 de setembro de 1961 — Ilmo. e Revmo. Pde. Raulino Reitz, Brusque - SC. Prezado amigo: Estive viajando e sômente

ontem regressei. Por isso hoje apenas é que respondo à sua carta, o que faço, aliás, muito prazerosamente.

"Venho publicando, — talvez já o saiba —, desde o começo do ano, em o jornal "Barriga-Verde", de Canoíñas, minha cidade natal,

"A CONQUISTA DO PLANALTO CATARINENSE", que abrange, desde o mais remoto período da história, ao bandeirantismo, tropeirismo, povoamento, questão de limites e fanatismo religioso.

"Nêle, me ocupo das primeiras bandeiras ou incursões. Já possuo vários capítulos prontos, como poderá ver das cópias inclusas e, o seguinte, será o tropeirismo. Neste, falarei da "Estrada da Mata", do "Caminho Velho ou Estrada das Três Barras" e de "Outros caminhos do tropeirismo".

"Suas informações, serão por mim aproveitadas num desses capítulos. Nessa parte, tenho, inclusive, matéria inédita: o roteiro de uma tropa, de 1891, relatada em diário, dia a dia, desde P. Grossa até Cruz Alta, no Rio Grande do Sul. Uma preciosidade!

"Mas, indo ao seu assunto: Li e tenho recorte, da publicação de H. BACHL, a que se refere. Aliás, cito-o numa parte do meu trabalho, (Introdução), como poderá notar em rodapé. Alguma coisa poderá ser aceitável do que Bachl escreve, mas, em meu entendimento, não tudo. Aliás, êle não cita fontes de investigações e de minha parte não aceito a tése que êle levanta sôbre que o "Caminho Velho" teria sido utilizado por jeusitas que ainda desembarcavam, após Cabeza de Vaca, no litoral de S. Francisco. Se velhos colonos chamavam-no de "Jesuitenweg", faziam-no, decerto, por ignorância de coisas da História. Aliás, segundo tive ocasião de saber em Joinville, é fértil a imaginação da nossa gente, em supor existência, na Serra do Cubatão, de "fabulosos tesouros". O "Castelo do Bugre", que ali existiria, foi muitas vêzes escavado.

"O "Caminho Velho", pois, é, nem mais nem menos do que apenas restou da velha "Estrada das Três Barras".

"Falemos, agora, de Cabeza de Vaca. Pelos capítulos que seguem, poderá colhêr alguma coisa. Tenho a obra "Naufragios y Comentários", a que me refiro. Antes, colhi informações em vários autores. Êles, (os cronistas e historiadores), se confundem ou contradizem. No geral, limitam-se a repetir-se, uns aos outros, e nessas contínuas transcrições e repetições, vão-se truncando fatos históricos. Por exemplo:

"A respeito da quantidade de cavalos que êste teria trazido de Espanha. Deeke Barreto fala em 30. Outros, citam 40, e assim por diante.

"O que há de certo é o seguinte: Saiu êle, de Espanha, com uma expedição, na qual gastou 8.000 ducados, importância fabulosa para a época.

"Comprou 2 náus e uma caravela, para, com outra que o esperava na Ilha das Canárias, partir-se em expedição para o Rio da Prata e de lá atingir Assunção do Paraguai, onde iria socorrer seus compatriotas. Uma das náus, fêz muita água ao chegarem à Ilha de Cabo Verde, após terem partido de Cadiz, a 2 de novembro de 1541. Desembarcaram, ali, os mantimentos, armas, cavalos e tôda a equipagem, para os consertos e refazimentos. Já havia, então sòmente 30 cavalos, dos 46

embarcados em Espanha. Homens: 400, entre os soldados e a equipagem.

“Prosseguindo viagem, ao tocar em Cananéia, no litoral brasileiro, e após a Ilha de Santa Catarina, já havia apenas 26 cavalos. Portanto: saiu êle de Espanha, com 46 cavalos: muitos morrerem na travessia e o número, assim, ficou reduzido a 26, quando êle encetou viagem por terra, às margens do rio Itapocu, com êstes e 250 homens. Foram em uma náu, da Ilha de Sta. Catarina até àquele local da costa. Na Ilha, ficaram 140 homens, que deveriam ir por mar, até o rio da Prata. Os 400 homens, portanto, não seguiram por terra, em sua totalidade.

“Outros detalhes V. S. encontrará nos capítulos que lhe empresto, para futura devolução. Ainda os refundirei na definitiva publicação.

“A Sra. Deeke, ao que parece, quis lembrar os naufrágios havidos na costa da Flórida, Estados Unidos, onde Cabeza de Vaca esteve, anos antes, cêrca de 10 anos ao todo. Êle, e alguns expedicionários, que atravessaram quase todo os EE. UU. conseguiram sobreviver e foram indicados, mais tarde, para a expedição que deveria vir à América do Sul, socorrer o govêrno e a gente de Pedro de Mendoza, no Rio da Prata.

“Estão certas as informações com respeito às duas náus mandadas na dianteira. Porém, como era inverno e não davam travessia as águas do Rio da Prata, decidiu Cabeza de Vaca ir com certa porção de gente por terra.

“Não tenho conhecimento de que tenham morrido 100 homens da expedição. Cabeza de Vaca, em seus: “Naufragios y Comentários”, nada refere a respeito. Aliás, em sua travessia pelo sertão catarinense, diz êle não haver-se perdido nenhuma pessoa da expedição. Talvez que mais adiante, nos últimos sertões do Paraná, — que atravessou até ir ao Paraguai, isso haja sucedido.

“Ulrich Schmiedel, não acompanhou na travessia, pois, como militar contratado, já se encontrava na América, cêrca de 10 anos antes, servindo o govêrno de Pedro de Mendoza. Apenas utilizou-se, ao voltar para a Espanha, pelo litoral brasileiro, de uma certa parte do caminho percorrido por Cabeza de Vaca, em terra.

“Para finalizar:

“Os jesuítas, em Santa Catarina, palmilhavam a parte sul, e cabeceiras do rio Uruguai, vindos, porém, das Missões rio-grandenses, após haverem sido expulsos de Vila Rica do Espirito Santo, Gairá, e outras, pelos paulistas em bandeiras: Manuel Prêto e Antônio Raposo Tavares, de 1628 a 1631. Não apareceram naufragos nas margens do Itapocu, em 1538, pois sômente em 1541 é que êsse caminho ao Paraguai ficou conhecido pela gente civilizada.

“Era êle, como observo em meu trabalho, uma das ramificações do pré-cabralino “Caminho de Peabirú” (velho caminho de índios, que ia das costas do Atlântico, às costas do Pacífico”.

“Fico, hoje, por aqui, mas inteiramente ao seu dispor, para quaisquer novas deduções... Abraços, Cyro Ehлке”.

Fico muito grato e até honrado sôbre as observações de C. Deeke Barreto que provocaram a busca de novos conhecimentos, certamente para deleite dos amigos da história catarinense.

O 75.º ANIVERSÁRIO DA COMARCA DE BLUMENAU

FREDERICO KILIAN

UM JUBILÉU QUE NÃO DESPERTOU JÚBILO.

A 30 de Agôsto de 1886, pela Lei N.º 1109, foi criada a Comarca de Blumenau, a qual, porém, sòmente três e meio anos depois é que foi solenemente instalada, talvez devido à mudança do regime governamental, que passou de Império para República.

E, passados êstes 75 anos de existência da Comarca, o transcurso desta data não despertou nenhum júbilô entre os que militam no fôro, não obstante ter sido programada uma pequena festinha, já que não se realizou, coisas de coincidências do destino, por se processar justamente nesta época nova mudança de regime governamental, do Presidencialismo, para o Parlamentarismo, mas mais ainda, porque a Comarca de Blumenau parece ter sido esquecida pelo Poder Executivo, uma vez que o prédio do Forum, prometido tantas e tantas vêzes, por tantos e tantos governantes, nem sequer foi começado, apesar de já ter sido lançada a pedra fundamental num terreno posto à disposição pelo Governo Municipal, para a edificação de magestoso palácio, cuja planta e respectiva "maqueta" foram expostas por ocasião do lançamento de sua pedra fundamental.

Ao ensêjo do 75.º aniversário de criação da Comarca de Blumenau, que sempre teve à sua frente figuras das mais ilustres da judicatura de Santa Catarina e pode orgulhar-se de conservar esta tradição até os dias de hoje, deixamos aqui o nosso apêlo, que traduz o anseio, não só da família forense de Blumenau, como de tôda a população desta modelar Comarca, para que providências sejam tomadas no sentido de tornar uma realidade, em futuro bem próximo, a construção do edificio do fôro e a concentração no mesmo de todos os cartórios e demais dependências do Poder Judiciário desta Comarca.

A instalação da Comarca de Blumenau deu-se a dez de Fevereiro de 1890 pelo então 1.º Suplente do Juiz Municipal, cidadão Gustavo Salinger, que após deferir o juramento ao Promotor Público Dr. Manoel Agostinho Demoro, nomeou o Tabelião Elesbão Pinto da Luz, para Oficial do Registro de Hipotecas. A respectiva ata, lavrada no Livro de Atas do Tribunal do Juri da Comarca de Blumenau, já foi publicada em "Blumenau em Cadernos" a fôlhas 189 do 1.º Tomo.

A primeira sessão do Tribunal do Juri da Comarca, realizou-se a 17 de Março de 1860, sob a presidência do juiz de Direito da Comarca, Dr. Pedro Celestino Felício de Araujo.

Até a data da instalação da Comarca, Blumenau era um Termo da Comarca de Itajaí, tendo servido como Juiz de Órfãos do Termo, o Dr. Francisco Pedro da Costa Moreira.

Os Juizes de Direito da Comarca de Blumenau desde a sua instalação até a presente data foram os seguintes:

- 1.º — Dr. Pedro Celestino Felício de Araújo, até 10 de Outubro de 1890.
- 2.º — Dr. Manoel Cavalcante de Arruda Câmara, de 11 de Outubro de 1890 até Maio de 1900.
- 3.º — Dr. José Cavalcante de Arruda Câmara, de 1.º de Agosto de 1900, até 1.º de fevereiro de 1901.
- 4.º — Dr. Ayres de Albuquerque Gama, de novembro de 1901 até fins de julho de 1910.
- 5.º — Dr. João Pedro da Silva, de novembro de 1910 até fins de 1919.
- 6.º — Dr. Amadeu Felipe da Luz, de janeiro de 1920 até sua morte ocorrida no dia 2 de setembro de 1934.
- 7.º — Dr. João de Luna Freire, de 1934 até 16 de maio de 1942.
- 8.º — Dr. Oscar Leitão, de 1.º de julho de 1942 até 19 de abril de 1952.
- 9.º — Dr. Márcilio João da Silva Medeiros, assumiu o cargo de Juiz de Direito da 2.ª Vara, em 28 de março de 1952 e desde 7 de maio de 1952 exerce o cargo de Juiz de Direito da 1.ª Vara.
- 10.º — Dr. Ary Pereira de Oliveira, desde 1.º de agosto de 1952 como Juiz de Direito da 2.ª Vara até 20 de maio de 1956.
- 11.º — Dr. Aristeu Ruy de Govêa Schiefler, desde julho de 1956 como Juiz de Direito da 2.ª Vara da Comarca.

Atualmente a Comarca de Blumenau abrange o Município de Blumenau, composto do distrito da sede e da Vila de Itoupava e os Municípios de Gaspar e Pomerode (ex-distrito do Rio do Teste).

Dos territórios desmembrados depois de 1930, do antigo Município e Comarca de Blumenau, foram formadas as Comarcas de Rio do Sul, em 1930, Indaial e Ibirama, em 1934, sendo mais tarde desmembrado da Comarca de Indaial o município de Timbó e criada a Comarca do mesmo nome.

Da Comarca de Rio do Sul foi desmembrado o município de Taió e criada a comarca do mesmo nome.

Os Promotores Públicos que serviram na Comarca de Blumenau, desde a sua instalação, foram, pela ordem cronológica do exercício, os seguintes:

- 1.º — Dr. Manoel Agostinho Demoro;
- 2.º — Dr. Manoel dos Santos Lostada;
- 3.º — Antonio Luiz de Souza Bella Cruz;
- 4.º — Antônio Elesbão Pires;
- 5.º — Francisco Antônio de Oliveira Margarida;
- 6.º — Manoel Barreto;
- 7.º — Dr. Edgar de Lima Pedreira;
- 8.º — Dr. Geysa de Bôscoli;
- 9.º — Dr. Vergniaud Wanderley;
- 10.º — Dr. Osmundo Wanderley da Nóbrega;
- 11.º — Dr. Raulino Távora;
- 12.º — Dr. José Ribeiro de Carvalho;
- 13.º — Dr. Vinícius Colaço de Oliveira.

Atualmente exercem as funções de Promotor Público, na Comarca:

- Dr. Vinícius Colaço de Oliveira, na 1.ª Vara e o
- 14.º — Dr. Max Baier, na 2.ª Vara, êste em substituição ao Dr. José Ribeiro de Carvalho que se acha em gozo de bem merecida licença prêmio.

Estante dos “CADERNOS”

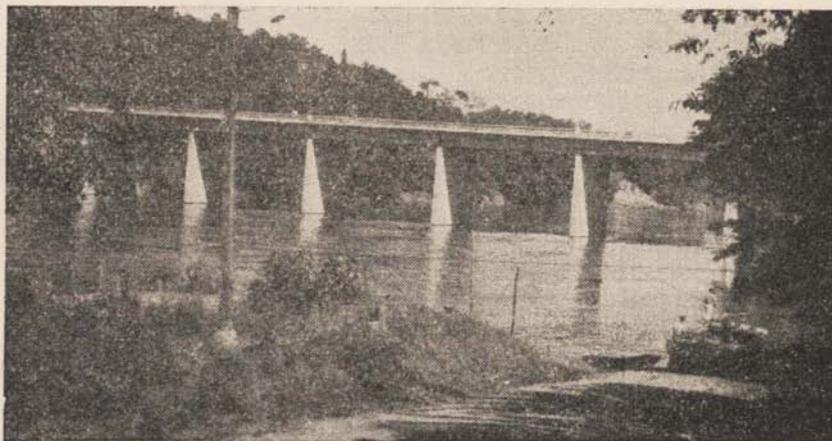
★ Gratos acusamos o recebimento do volume contendo os trabalhos “Ruck, Gratwanderer” e “... wenn der Wind darueber geht...” bem como da obra “Und dann kam die Loesung”, acompanhados de uma dedicatória da ilustre autora Gertrud Gross-Hering. Não se trata da primeira obra que recebemos da renomada escritora blumenauense que mais uma vez soube bem situar e caracterizar os mais diversos aspectos da vida blumenauense. Em **Ruck** vemos a história dum rapaz cuja mãe deixou a casa paterna na ânsia de se livrar do severo e intolerante regime de vida que, dentro da incompreensão da vida colonial, o pai impunha à família. “**Wenn der Wind darueber geht...**” é o retrato da vida blumenauense por ocasião da proclamação da República. Os diversos choques entre as correntes políticas obscurecem ainda mais a vida de Lill (personagem central) como se o casamento arquitetado pela mãe, não bastasse para falar das necessidades às quais se expuseram as primeiras famílias colonizadoras.

★ “**Und dann kam die Loesung**” tem como palco uma região próxima a Sta. Isabel, outrora importante ponto de encontro de emigrantes colonos. Sta. Isabel deve essa circunstância ao fato de possuir um clima mais ameno e já naquela época ter tido ligação rodoviária com Florianópolis. Trata-se de uma obra cheia de acontecimentos típicos do tempo que precede a segunda guerra mundial, cativando ao extremo a atenção do leitor.

J. D.



Blumenau pitoresco



A ponte sôbre o Itajai-Açu, em Itoupava-Norte, que se vê no clichê, é um dos grandes melhoramentos com que Blumenau foi dotado, nos últimos anos.

François d'Orleans, Príncipe de Joinville

CARLOS FICKER

Apresentamos aos nossos leitores a reprodução do quadro histórico do Príncipe de Joinville, adquirido, recentemente, pela Comissão de Instalação do Museu Nacional de Imigração e Colonização no Rio de Janeiro, para o acêrvo do Museu a ser instalado, futuramente, no antigo Palácio dos Príncipes, em Joinville.

Trata-se de linda litografia colorida, executada por "Formentin", de Paris, segundo um quadro desenhado por "Bellard". Existe sòmente mais um exemplar no Brasil, encontrando-se no Museu Imperial de Petrópolis.



Nascido em 14 de Outubro de 1818, como 3.º filho do "roy citoyen" Luiz Felipe da França, o Príncipe de Joinville foi destinado à carreira naval e, já aos 12 anos, fazia a sua primeira viagem de instrução a

bordo da fragata "Arthémise" enviada em cruzeiro ao Mediterrâneo; depois, nos diferentes postos a que foi promovido, percorreu todos os mares e visitou quase tôdas as regiões do globo; daí a variedade infinda de suas impressões, a quantidade de desenhos e aquarelas de mão artística e o apelido: "o marinheiro".

Ao Brasil veio três vêzes. Em janeiro de 1838, aportou no "Hercules" ao Rio de Janeiro, acompanhado pela fragata "Favorit". "É inútil falar do quadro magnífico apresentado pela baía do Rio de Janeiro, escreveu então na sua obra "Vieux Souvenirs" (1818 - 1848) tantas vêzes descrito por todos os viajantes. Foi durante esta arribada que vi, pela primeira vez, a jovem princesa destinada a ser mais tarde a princesa de Joinville e a companheira dedicada de minha vida. Também, nesta ocasião, fiz uma viagem a Minas, à terra do ouro, longa expedição em dorso de burro, através dos esplendores e da monotonia das florestas virgens. Para terminar a nossa estada no Rio, demos um baile a bordo do "Hercules", ao Imperador, à sua família, e às sociedades brasileira e estrangeira. No final da festa soltei, na sala do baile, um pequeno leão, que me haviam dado no Senegal, e sua aparição perturbou, de alguma sorte, as figuras do cotillon".

A segunda visita ao Brasil foi em 1840, quando o Rei Louis Philippe confiou ao Príncipe de Joinville a missão de buscar, de Sta. Helena, as cinzas de Napoleão I.

Escolhido para chefe da expedição, êste partiu de Toulon a bordo da fragata "Belle-Poule". "Depois de Teneriffe, conta êle, a travessia foi muito lenta: calmarias, borrascas, mesmo tormentas e enfim nova arribada à Bahia, onde nos sucedeu uma aventura: havia eu fretado uma pequena lancha, na qual, em companhia de alguns officiais, empreendi freqüentes caçadas, espécie de viagens de descobrimento nos rios que desembocam na baía. Vinha caindo a noite e era tempo de regressarmos para bordo de nossa lancha e puzemo-nos, pois, tranqüilamente, a caminho. Em breve era noite fechada, mas noite de luar, quando chegamos a uma pequena angra, cercada de bananeiras, onde havíamos deixado a nossa embarcação, meio encaçada na lama.

Repentinamente, da floresta veio um grande rumor e, por todos os lados vimos armas a brilhar. Num instante, e antes que nos reobrassemos da surprêsa, uma multidão de gente armada de espingardas, de sabres e de facas, apareceu a tôda carreira, lançando berros e nos cercou, parte em terra, parte dentro d'água. Imediatamente fomos agarrados, desarmados, separados, moidos de pancadas e arrastados para a floresta. Ao claro da lua, sob a vegetação tropical, não deixava de ser pitoresca a nossa situação. Sem defesa, cercados por mais de duzentos negros e mulatos armados, teríamos sido todos massacrados.

Em poucas palavras de mau português, quis fazer compreender a um sujeito de chapéu alto, armado de um grande sabre, que me pareceu ser o chefe do bando, que eu era o comandante dos navios franceses ancorados na baía. Mas antes de terminado o meu discurso, uma multidão furiosa lançou-se sobre mim, agarrou-me e arrastou-me até um montículo, ao qual me encostavam para me fuzilar. Com efeito, 5 ou 6 negros, postados na minha frente, começaram rapidamente a carregar as espingardas.

A situação chegara ao extremo, pois os que conhecem os negros

sabem do que são eles capazes sob a influência da excitação e embriaguez. O tenente Touchard, vendo a iminência do perigo, desembarcou-se de seus guardas, por um esforço sôbre-humano, e correu para junto de mim, o que renovou a luta. Fomos tomados e retomados várias vêzes, mas, por fim, a vitória coube ao homem de chapéu alto e surgiram as explicações. Fomos, sem demora, postos em liberdade, com muitas desculpas, que porém não atenuaram os efeitos das pancadas recebidas”.

Esse incidente desagradável deu lugar a um rigoroso inquérito e à troca de notas diplomáticas entre o Governo Imperial e o da França.

Nas suas “Memórias”, o Príncipe de Joinville continua:

“Parece que, na véspera, houve no povoado eleições agitadas. (Benditas sejam as eleições em todos os lugares e todos os países!). A população sôbre-excitada foi, a princípio, tomada de surpresa e depois de terror, ouvindo o nosso tiroteio aos papagaios. O terror chegara ao cúmulo, quando viram aparecer sete ou oito homens brancos, singularmente vestidos e armados. A população inteira fugiu para o mato; mas, observando de longe o nosso pequeno número, e, sobretudo, a nossa retirada, passou do terror à bravura e, pegando em armas, precipitou-se no encalço do inimigo!”.

Em 1843 o Príncipe de Joinville realizou a sua terceira e última visita ao Brasil.

“No Rio de Janeiro”, conta êle, “operou-se uma brusca mudança na minha existência, mudança muito desejada por meus pais: casei-me e esposei a princesa Dona Francisca, segunda filha do Imperador D. Pedro I, com quem travara relações, seis anos antes. O pedido oficial da mão da princesa foi feito, em nome do rei, pelo Barão Emile von Langsdorff, enviado ad-hoc em missão extraordinária a bordo do navio “Ville de Marseille”. O casamento foi celebrado no palacete de São Christóvam, e poucos dias depois, partimos para Brest, onde chegamos após uma longa travessia de setenta e dois dias”.

Quando o Príncipe de Joinville desembarcou em Brest, com a esôsa — sem aviso prévio — à 28 de Julho de 1843, embrulhada na sua mantilha espanhola, circulou pelo reino uma grande e comovida surpresa.

Ela enfrentou, com sua modéstia cheia de religião e simplicidade, com a sua originalidade de princesa brasileira, a desconfiança e a hostilidade das duquesas e damas da côrte. A maledicência e o sarcasmo se transformaram em cordialidade, admiração e ternura. “Elle etait charmante”!... diz Calmon em seus elogios das finas qualidades, do desembaraço encantador, da vitória que Da. Francisca obtivera, sem dificuldade, na capital da França.

A revolução de fevereiro de 1848 foi surpreender o Príncipe de Joinville na Algéria. A sua viagem, que o conduziu ao exílio, a sua estadia em Hamburgo gozando da hospitalidade do Senador Christian Mathias Schroeder e as primeiras relações comerciais com o “Hamburger Colonisations-Vereis vom 1849” oferecendo as terras da futura “Colônia Dona Francisca”, terras então completamente desconhecidas do dote nupcial da Princesa, para a imigração européia, é outro capítulo na vida dêsse verdadeiro homem de ação e patriota sincero, que sempre procurou ser útil à sua ingrata terra natal.

Nunca mais visitou o Brasil e nunca esteve em Joinville. Faleceu em Paris a 16 de Junho de 1900.

A VIDA DE BLUMENAU HÁ 60 ANOS

No "Livro do Centenário de Blumenau" encontram-se várias vistas de Blumenau antigo, entre as quais algumas de fotografias tiradas por volta de 1900, isto é, ao tempo de Blumenau Cinquentenária. Estes quadros me vieram novamente à mente, ao ler um relato feito pelo Sr. Otto Stange, ora residente em Indaial, no qual aquêlê velho blumenauense, relembando-se, e a nós outros, que chegamos a conhecer Blumenau como era naqueles tempos, das pessoas que então habitavam a nossa cidade e vagavam pela sua principal rua, aliás a única existente, que atravessava nossa cidade de ponta a ponta.

Neste relato, feito em forma de narração de um lento passeio pela rua principal de Blumenau, o narrador faz aparecer, aquelas velhas e populares figuras que davam vida à nossa cidade, escutando suas conversas e participando das mesmas e tomando parte de seus prazeres e suas preocupações, mostrando ainda suas virtudes e às vêzes também os seus fracos.

É com satisfação e interesse que o signatário dêste intróito que há precisamente 50 anos veio para Blumenau, aqui se redicando e chegando a conhecer de perto a maioria das personagens caracterizadas, leu as dez páginas datilografadas do devaneio de Otto Stange e as traduziu para serem publicadas em nosso "Blumenau em Cadernos", com a devida vênia do autor, a quem aqui, nestas linhas, expressamos nossos agradecimentos pelo prazer que nos proporcionou com o seu trabalho.

FREDERICO KILIAN

.....

"Vagando lentamente pela rua principal de Blumenau, no início dêste século, pelos anos de 1900/1903, narrado por Otto Stange.

— "Acabamos de visitar, ràpidamente o Barracão dos Emigrantes, situado na "Vorstadt". Atualmente não serve mais ao seu destino, pois está ocupado por algumas famílias de "caboclos" que ali se aboletaram. Também serve. Todavia êste rancho comprido, de madeira, dividido internamente em vários compartimentos, tem servido, a seu tempo a muitas famílias de imigrantes como primeiro lar neste País. Hoje, porém, êstes imigrantes não chegam a se demorar muito em Blumenau, pois logo após sua chegada, são transportados, em carroças puxadas por quatro cavalos, para o interior, além do Morro do Côncho, até a zona da Hansa no vale do Itajaí do Norte, ou Rio Hercílio.

Mas vejam, lá em baixo aponta o vapor "Blumenau", repleto com "alemães novos", imigrantes a procura de uma nova pátria. Agrupados em redor da chaminé e no pequeno espaço livre do convés estão êles sentados ou em pé, admirando a vegetação e o panorama em ambas as margens do Rio Itajaí-Açu, homens, mulheres e crianças.

Maneca, o cozinheiro, mal pode abrir passagem por entre aquêlê aglomerado, enquanto que os dois marinheiros se postaram na prôa. O Comandante Krambeck anuncia a aproximação ao porto de Blumenau e dá o primeiro sinal com o apito — Tuuuuuuuuuuuut. Tuuuuuuuuuut estamos chegando! — São três horas da tarde, o vapor hoje vem cedo, mais cedo do que de costume, talvez não tinha tanta demora em Gaspar e Ilhota e zarpou de Itajaí mais cedo.

Apressamos o passo, pois queremos assistir a chegada do "Blumenau" ao pôrto. Também o Dr. Cunha, nosso Superintendente, está postado atrás de sua casa observando a passagem do vapor. "Alemães novos, está bem, servem bem para nós, são ótimos colonos, ainda temos muitas terras a cultivar."

Alguns passos além cumprimentamos o velho Emil Gropp, que está atravessando a rua, em direção à sua casa, vindo de sua serraria; com a manga de sua camisa de malha, enxuga o suor e o pó de madeira de sua testa. Sempre ativo, manejando as máquinas, compete ainda com seus filhos no árduo serviço, dando-lhes exemplo de tenacidade e esforço. No longo prédio à margem esquerda da rua lê-se a inscrição: Emilio Gropp & Filhos. — Também o Dr. Gensch está à beira da estrada, em frente à sua casa; está dando neste momento as últimas instruções à uma mulher, em sua voz ressonante: "Bem, isto vai melhorar daqui uns dias; tome o remédio como eu disse, já há de

lhe fazer bem, pois sempre tem feito bem aos outros também. Não há nada a temer, até logo." Acompanha-nos ainda até ao "Canôe-Schneider" que já o cumprimenta na varanda de sua bodega: "Boa tarde, doutor... Sim já vou providenciar..." depois ouço as gargalhadas de ambos... já percebo tudo. Passamos em frente ao Hospital Municipal e ao lado podemos ainda cumprimentar a Lieschen Vandal que rega suas flôres. Mas, que barulho e berreiro será isto do outro lado da rua? Ah, já sei, deve ser uma destas pobres criaturas que teve um acesso de fúria e foi recolhida ao manicômio e encarcerada na cela.

"Boa tarde, senhor Stutzer, ainda esteve trabalhando à tarde?" É o Tesoureiro de nosso Município, que está chegando em casa, o homem que assinou as cédulas de cem réis e duzentos réis, com sua assinatura: "Otto Stutzer". Com sua longa barba branca, tem um aspecto de alta dignidade; apesar de sua avançada idade, ainda está em plena atividade na Prefeitura, a todos atendendo com atenção e paciência. Todo respeito! Apertando seu guarda-chuva debaixo do braço, abre o portão do quintal, depois a porta da casa e entra.

Abre-se-nos a vista ao portão e ao conhecido panorama da cidade. Damos uma espiada ao cais do pôrto. Ué, o "Jan" ainda está atracado? Não desceu hoje? Bem, ficou esperando para que ainda fôsse carregada uma lancha para então para rebocá-las, tôdas para o pôrto de Itajaí.

O vapor "Blumenau", entretentes tem mantido passo conosco, ou nós com êle, mas agora já está se preparando e manobrando para atracar e nós do-ramos a esquina da casa do Jansen. A nossa esquerda vimos o Sr. Pedro Chr Feddersen, parado com sua carruagem, um landau, defronte a casa de negócio de Salinger; veio de Altona, trazendo em sua companhia o Sr. Luiz Abry que tem logo que se dirigir ao pôrto para atender aos imigrantes recém-chegados.

O senhor Feddersen, porém, já anuncia, ao entrar na porta: "Senhor Cônsul, chegaram novos imigrantes alemães" e o senhor Gustavo Salinger, sorrindo, dirige-se ao sr. Hugo Joachimstal, que está atrás do balcão esfregando as mãos e diz: "Chegam bem a propósito, para reforçar a pequena colônia da Hansa, breve poderemos abrir uma filial em Hamônia; imigrantes aumentam a população e esta o movimento comercial." — Lá fora discutem Lungershausen e Schoenfelder, reclamando aquêle qualquer serviço mal feito em sua nova construção. Retira-se apressadamente. Luiz Sachtleben aparece à porta e indaga: O que há? Mas Lungershausen não se demora muito só diz aborrecido: Êste Schoenfelder não quer atender — e já desaparece na esquina, em direção ao "Hotel Brasil" do Hannes Schmidt, visinho de seu prédio em construção, à Rua das Palmeiras.

O padeiro Kuehn, porém, sentado no banco em frente à sua casa, no lado do prédio de Jansen, pensa com seus botões: Si isto continuar assim com a padaria, tenho que empregar mais um auxiliar, pois o Alberto Jaeger sozinho não dá conta do serviço, ainda mais que ainda tem que fazer a distribuição do pão com a carrocinha. E o Dr. Faust, também é da mesma opinião, quando olha por cima da cerca de sarrafos e vê os dois trabalharem, que o serviço é demais para êles. Nos fundos destas duas casas, para o lado do caminho da balsa, anda de passos lentos defronte sua casa, de um lado para o outro, fumando seu cachimbão, o Dr. Todt, movimentando-se um pouco para melhor digestão do prato de rins de porcos, assados, dos quais tanto gosta.

No pôrto da balsa, Henrique Probst, com seu chapéu de palha de 400 réus na cabeça, postado ao lado da carroça do velho Stein, da Garcia, agita as mãos e braceja em frente ao velho Stein; parece que qualquer coisa não está certo com as tábuas que êste está descarregando.

Da agência da Companhia Fluvial vem correndo o sr. Erich Gaertner com suas pernas curtas e barrigudinho, como sempre, quasi esbarrando, na esquina do Probst, com o professor Juerges que neste momento dobra a esquina em direção à rua das Palmeiras: — Tanta pressa, Sr. Gaertner? — Êste cam-baleia com sua pasta prêta para frente e para trás, durante seu andar de-pressa: "Sim, imigrantes", e já atravessou a rua tomando o caminho da balsa.

Augusto Zittlow e Paulo Schwarzer, porém, não demonstram tanta pressa. Zittlow, como sempre, com as mãos cruzadas nas costas, com seu quêpi branco na cabeça, única peça de uniforme que usa para identificá-lo como funcio-nário do telégrafo nacional, indaga neste momento a Schwarzer: "Bem, como

vão ser distribuídos os papéis da nova peça? O papel de Chefe Florestal, cabe naturalmente ao Salinger, e Curt Hering representará o guarda florestal; Gustavo Lungershausen ou Max Feddersen faz o papel de amante, Max Clasen o rival, a esposa do chefe florestal será representada por dona Nanny, a mocinha será sua filha, Sr. Schwazer; para os papéis menores temos ainda minha filha e a senhorita Salinger, resta ainda o papel para.....Arre!...puxa! quase que isto tinha resultado num acidente... Woldemar Odebrecht, vinha vindo a tóda, com seu velocípede, o primeiro e até então único existente em Blumenau, e esqueceu de tocar a sineta ao dobrar a esquina da Rua das Palmeiras... Bem, não houve nada, afóra o susto; os dois homens, ainda sobressaltados, observam o jeito de Woldemar, como êle pedala a roda dianteira, que é quase de sua altura, sentado todo faceiro, a olhar para os lados; é isso, Blumenau avança com velocidade para o seu progresso. — Pois bem, Woldemar, que há pouco voltou da Alemanha, onde esteve de passeio, quer mostrar que possui um velocípede. Assim comentando e descendo a rua das Palmeiras, os dois veem como dois rapazes pulam às pressas a cerca do quintal da casa em que morara o Dr. Blumenau, correndo às cegas para o outro lado da rua — Woldemar só tem tempo de pular de seu bíchico, para não cair com o mesmo, pois dessa vez foi êle quem levou o susto. “Quem foram êstes dois garotos, com os bolsos cheios de jaboticabas?” — perguntou êle ao professor Rodolfo Damm, que neste momento vinha bufando, subindo a estrada. “Si não me engano, — disse êste — foram o Felipe Brandes e o Maenne Lueders” — “Pois eu já suspeitava que fôssem meus dois sobrinhos Baumgarten”... replicou Reinholdo Anton, o farmacêutico que vinha de sua casa do outro lado. — No botequim do Baechert, porém os freguezes também esticavam o pesçoço: O serralheiro Frischknecht, porém, não perdeu a oportunidade para comentar em rimas, soltando a seguinte trova:

Andar de velocípede é um prazer,
Mas só depois de aprender;
Sinão, na rua, fácilmente
O ciclista atropela tóda gente.

(No original: Flitzepede zu fahren ist sehr scheen,
man muss es nur auch erst verstehn,
denn leicht passiert's dem Fahrradmann,
dass er die Fussleut' rempelt an.)

Todos riram ante o chiste do trovador. Jacob Schmidt, o notável Delegado de Polícia, porém, bate nos ombros de Frischknecht e diz: “Sempre fazendo suas trovas e quadrinhas!” — e dirigindo-se aos outros: “Saúde, e me sirvam também um copo, pois estou com séde; e já que estão bebendo Jennrich e Rischbieter, não se esqueçam de mandar abrir também uma garrafa de Hosang, mas sempre com moderação, e nada de badernas, pois sabem, senão vão pro xilindró, em nome da Lei...” Ernesto Kielwagen retruca secamente: — “Não te faças de tão importante, já sabemos, cá com o pessoal da roça, ninguém engrossa; e quem não gosta de ouvir nossas conversas, não precisa se pôr a escutar-nos; sempre com calma, vizinho”. Diz então o Sr. Saint-Martin-Hofer, depósito de moveis e caixões fúnebres na Rua dos Atiradores: “Caixões fúnebres sempre prontos para os que morrerem na briga”. — Todos riem. “Pessoal, não briguem, sinão eu bato uma fotografia e publico o clichê com todos os pormenores no jornal”, disse e saiu em direção ao pôrto. Também nós fomos para lá, pois em virtude do acidente com a bicicleta, quase que havíamos esquecido os imigrantes que chegaram com o “Blumenau”. Dissemos só: Chegaram os imigrantes — e já outros também nos acompanharam ao pôrto, para ver o vapor e os alemães novos que haviam chegado. O funileiro Behnke associou-se a nós no teatro Frohsinn, tendo passado logo pela viela ao lado da cadeia, convidando o carcereiro, sapateiro Peter, que também queria ver os recém-chegados. Do alto do barranco já estavam olhando para o pôrto, o Sr. Schrader, o pequeno Cunha e Fides Deeke, que haviam saído da Prefeitura.

Os alemães novos já tinham desembarcado do vapor e Eugênio Germer estava tratando de carregar as suas bagagens em sua carroça, para conduzi-la ao Hotel Holetz. De uma só vez não pôde levar tudo, pois os imigrantes vie-

ram com muitas caixas, cestas, malas e outros objetos pertencentes aos mesmos. Suas espingardas, porém, os homens haviam levado a tiracolo ou no ombro, alguns deles até com duas. — Luiz Abry estava explicando que já no dia seguinte eles iriam prosseguir viagem, de carroças de quatro cavalos até a Hansa, pois havia ainda muita terra devoluta no Taquaras e também o Vale do Sellin já havia sido medido em lotes coloniais, podendo cada um escolher o o seu lote. Subiram pelo caminho da balsa, passando em frente da Prefeitura onde os dois únicos policiais, Katzwinkel e Gebien, estavam encostados à porta da Prefeitura, olhando admirados para aquelas espingardas bonitas que os “alemães novos” traziam consigo, pois eles mesmos possuíam apenas um sabre velho cada um, que usavam quando “em serviço”, mas hoje estavam de folga e Katzwinkel tinha tirado um de seus sapatos e substituído por um chinelo, já que o calçado novo que recebera lhe havia feito uma bôlha no calcanhar, conforme nos informou quando com êle trocamos algumas palavras na passagem.

Um pequeno declive do caminho nos leva à ponte do Garcia, a velha ponte de madeira. Já não era a primeira, pois aquela era ainda mais frágil e sofreu bastante na enchente de 1880. — O Hotel Holetz foi tomado de “assalto” pelos imigrantes, mas a Frau Holetz, enérgica hoteleira não perde a calma, ordena às empregadas que arrumem as mesas no salão; toalha é coisa de luxo e dispensável, o principal é que a “boia” seja boa e abundante. De cada lado das longas mesas são postos bancos compridos e em três tempos a mesa estava posta, havendo lugar e comida para todos. Karl Holetz e Orth, os dois açougueiros da cidade haviam matado uns bois e porcos e assim até havia salame para comprar que o Poerner preparara. Mas dificilmente algum dos recém-chegados iria querer gastar a pequena economia que possuía com tal iguaria. Contentavam-se com o “prato do dia” que era feijão preto, farinha de mandioca e carne seca. Também encomendamos uma destas “feijoada completa” e pagamos um mil réis.

— Os imigrantes iam pernoitar no Hotel, que naturalmente não possuía tantos quartos e tantas camas para toda esta gente, mas o salão estava vazio e ali improvisaram um acampamento geral.

Após a refeição deixamos os imigrantes e voltamos para a rua, despedindo-nos antes ainda do velho Richard Holetz, este coitado que devido sua paralisia estava preso à sua cadeira de rodas e não podia sair detrás do balcão onde passava o dia todo. Otto Strobel, o marceneiro chegava neste momento, trazendo ao velho Holetz o jornal “Uwaldsbote” — “O “Blumenau Zeitung” só sai amanhã”, disse êle. Chegando à estrada, vimos os filhos do Sr. Knoblauch andar com sua carrocinha, puxada por uma parelha de cabritos; coisa engraçada como êstes bichos aprenderam a puxar a carrocinha e obedecem ao toque da varinha, indo para a esquerda ou direita; mas não obstante, o velho Leopoldo Knoblauch observa os animais e cuida que nada aconteça, ainda mais hoje, sábado à tarde, em que o movimento é maior e ainda os imigrantes e principalmente as crianças estão parados nas imediações ou andando de um lado para o outro da rua. No outro lado da rua vimos chegar o sr. Wilhelm Scheeffler, montado em seu tordilho e parar defronte do seu negócio. Havia vindo de sua serraria da Nova-Rússia, no Spitzkopf e comenta algo com seu filho Ricardo. Depois ouvimo-lo chamar para dentro da venda — Rudolfo, e mais uma vez — Rudolfo. Ao chamado aparece Rudolfo Sprengel, a quem Scheeffler diz: “Corre ligeiro à casa de Lieschen Strobel e vê si ela tem pão de trigo fresco, pois tenho apetite de comer um destes gostosos pães, depois de duas semanas que passei no mato só com farinha e pão de fubá amarelo, e depois você vai ao correio e vê se veio alguma correspondência para nós”. Isto dito atravessa o portão do pátio e dirige-se aos fundos da casa onde está o estábulo.

Na passagem nota que sua vizinha, Dona Margarida, está debaixo do pé de abacate, em frente à sua casa e a cumprimenta: “Boa tarde, dona Margarida, como vai? E como vai a aula?” Sempre se deram muito bem, dona Margarida, a professora da escola pública feminina e a família Scheeffler. Dona Margarida, amável como sempre, responde: “Obrigada, Sr. Guilherme, tudo vai bem. Como vai lá com os Deutschrussen do Spitzkopf?” Da Rua do Imperador vê-se muito bem o pico do Spitzkopf, que se ergue à altura de 950 metros e forma um belo fundo para esta artéria imperial. — “Não vai tudo tão bem como devia ser” responde Scheeffler à pergunta da professora, “Os colonos

estão inquietados, devidos os bugres que ultimamente apareceram por lá em atitudes ameaçadoras. Os moradores estão apreensivos, temendo assaltos dos bugres que por várias vezes foram vistos na orla do mato, não querendo por isso ir trabalhar no mato e tirar madeira. Muitos estão com vontade de mudar-se para Benedito Novo, mas meu filho Erwino, que de lá veio nos trouxe a notícia que também lá, no Ribeirão da Liberdade, os bugres estão ficando cada vez mais atrevidos e ameaçadores. Erwino tem sabido se manter sempre ainda lá, mas nossos irmãos da selva, como já disse, estão ficando insolentes, principalmente nas colônias recém-povoadas, mas com o tempo, creio que tudo ficara melhor. É só preciso mostrar coragem e, se necessário, fazer uso também das armas."

Montado em seu ginete, vem pela Rua do Imperador, mais conhecida por "Kaiserstrasse", o Sr. Cristiano Schmidt, vulgo Millionen-Schuster (Sapateiro - milionário) hábil e procurado mestre de danças, o dirigente das polonaises e quadrilhas: Les dames en avant — a la bonheur — balancê — touts avers —. Com gesto cortês, nos cumprimenta com seu boné, descobrindo sua careca côr de marfim. A seu lado, montada num tordilho, com muita graça e elegância, sua linda filha, Amanda, a "branca de neve", como era apelidada na escola que deixou há poucos meses. Dobram a esquina do Holetz e dirigem-se à ponte do Garcia, conversando animadamente.

Prosseguimos em nossa caminhada e vimos descer a escada de sua casa, o velho Frederico Blohm, com sua respeitável barba a la Imperador Frederico, cartola na cabeça e guarda-chuva na mão. Dirige-se rua acima. Ah!, vai ao clube, tomar sua cerveja e bater um papo. Já atravessou o canal quando chegamos ao pontilhão de tábuas. Um pouco frágil, mas com o tempo também isto será melhorado. E agora chegamos à residência do Sr. Eberhard, do Correio. A moradia está fechada, mas ao lado, um pouco mais atrás, está a "Agência" do Correio Nacional, e ali há bastante movimento. Uma casinha de madeira sob pilares, com uma escada de madeira, de uns dez degraus que dá acesso à agência. Um corrimão de sarrafos serve para proteger as pessoas de uma queda imprevista.

— ★ —

EMPRESA FÔRÇA E LUZ SANTA CATARINA S. A.

Características da Usina Cedros:

POTÊNCIA: 8.000 KW.
DESNÍVEL: 214 m.
CONDUTO FORÇADO:
Diâmetro 1,15 m.
Comprimento: 520 m.
Vasão 4 m³/seg.
ADUTORA DE MADEIRA:
Comprimento 962 m.
Diâmetro: 1,85 m.
Formação: 60 aduelas de pinho
BARRAGEM DE CAPTAÇÃO:
Altura 17 m.
Acumulação 1.800.000 m³.
BARRAGEM DE ACUMULAÇÃO
(Pinhal):
Distância 7 Km.
Altura 15 m.
Acumulação 18.000.000 m³.
Área inundada 3.155.000 m².
LINHA DE TRANSMISSÃO:
Tensão 25.000 V.
Comprimento 45 Km.

Características da Usina Palmeiras:

POTÊNCIA: 24.000 CV = 16.800 KW.
DESNÍVEL: 285 m.
CONDUTO FORÇADO:
Diâmetro: 1,5 m.
Comprimento 650 m.
Vasão 7,5 m³/seg.
Peso 420 ton.
TUNEL:
Comprimento 846 m.
Seção 5 m².
(Canal de encosta teria 2.203 m.)
BARRAGEM DE CAPTAÇÃO:
Altura 10 m.
Acumulação 150.000 m³.
BARRAGEM DE ACUMULAÇÃO
(Rio Bonito):
Distância 5 Km.
Altura 19 m.
Acumulação 32.000.000 m³.
Área inundada 3.800.000 m².
LINHA DE TRANSMISSÃO:
Tensão 66.000 V.
Comprimento 36 Km.

PERÍODO DE 1945 A 1947 (26.º e 27.º)

Em substituição ao sr. Alfredo Campos, assumiu a direção dos negócios municipais o sr. Frederico G. Busch Júnior de quem falaremos, publicando-lhe os dados biográficos, quando tratarmos dos seus dois outros períodos administrativos.

Nessa oportunidade, o sr. Busch exerceu a prefeitura apenas até 19 de fevereiro de 1946, quando solicitou exoneração, sendo nomeado, na mesma data, o seu substituto, sr. Germano Beduschi.

Neste segundo período, o sr. Beduschi dirigiu o município até 30 de abril do ano seguinte. A respeito dêsse administrador, já demos detalhadas notícias quando tratamos da sua primeira administração. (Tomo IV, pag. 47).

Os srs. Busch e Beduschi foram, assim, na ordem que vimos observando, o 26.º e 27.º governadores do município.

28.º – BRUNO HILDEBRAND

Este distinto cidadão assumiu o exercício do cargo de prefeito municipal a 30 de abril de 1947. Dedicou especial atenção à liquidação dos compromissos financeiros, assumidos pelas administrações anteriores, sem, entretanto, descuidar de outros setores administrativos. Mandou nivelar e calçar as ruas 4 de fevereiro e Paulo Zimmermann; continuou muito dedicado à Escola Agrícola, a qual contava 72 alunos, dos quais 16 conseguiram diplomas de práticos rurais.

Desde o govêrno do prefeito Ferreira da Silva, que o nomeara seu secretário, vinha o sr. Bruno Hildebrando prestando bons serviços à coletividade blumenauense, tendo, por várias vêzes, respondido pelo expediente da prefeitura, na ausência dos respectivos titulares.

Bruno Hildebrand nasceu em Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, em 7 de março de 1906. Fêz seus estudos no Ginásio Catarinense, em Florianópolis, de 1915 a 1920. Veio para Blumenau a 4 de janeiro de 1934. Em 1935 substituiu, na secretaria geral da prefeitura, o Sr. Teodolindo Pereira, nomeado tabelião de notas de Timbó, no Estado.

Coube-lhe a tarefa de preparar as eleições para o govêrno do município, após a promulgação da nova constituição federal, tendo passado o exercício do cargo ao prefeito eleito, Frederico G. Busch Júnior, a 15 de dezembro de 1947.



Em 1947, Hildebrand foi requisitado pelo govêrno do Estado para desenvolver, no Vale do Itajaí, um programa de auxílio aos lavradores. Em 1950, por indicação do saudoso Nereu Ramos, ingressou no Serviço Público Federal, passando a trabalhar na seção de Fomento Agrícola. Ocupa, ainda hoje, o cargo de chefe da terceira residência Agrícola, com sede em Blumenau.

É um cidadão prestimoso a cuja honesta atividade muito deve a população de Blumenau.

Avisamos aos nossos prezados assinantes e leitores que tôda correspondência e valôres destinados a "Blumenau em Cadernos", deverão ser endereçados à Caixa Postal 2675 em Curitiba - Paraná, onde êste mensário está sendo impresso e distribuído. Os interessados de Blumenau poderão dirigir-se ao nosso representante, sr. Frederico Kilian, à alameda Barão do Rio Branco.

A FUNDAÇÃO DE SÃO BENTO DO SUL

Carlos FICKER

Antes de prosseguir no nosso pequeno trabalho sôbre a fundação de São Bento do Sul, visto através da transcrição dos ofícios da época, quero de antemão esclarecer que não desejo escrever uma história da Cidade de São Bento do Sul, belo recanto catarinense, situado a 800 metros de altitude. Encontrei, apenas, entre documentos e livros antigos, depositados durante uma centena de anos, no sotão do "Dominio Dona Francisca", em Joinville, alguns ofícios originaes e um caderno intitulado: "Correspondenz der Direction des Colonisations - Vereins von 1849 mit der Regierung 1867 - 1896".

Escrito à mão, êste copiador de cartas entre a "Direção da Sociedade Colonisadora de 1849 em Hamburgo" e o Govêrno Imperial, representa verdadeira jóia histórica e rica fonte de informações detalhadas sôbre os acontecimentos em relação à colonização de Dona Francisca — e em 1873 — de São Bento do Sul.

Acompanhamos na última publicação dos ofícios nos "Cadernos" o despacho de "70 pais de famílias", imigrantes recém chegados, pela Direção da Colônia Dona Francisca para "as terras devolutas no Vale do Rio Negro nas visinhanças do Rio de São Bento" em 20 de Setembro de 1873.

Subindo a pé o novo traço da "Serrastrasse" ainda em construção, para o planalto, levaram apenas os mantimentos mais necessários, enquanto as suas famílias, mulheres e crianças, permaneceram em Joinville, hospedadas no rancho de imigração. Eram êstes "70 pais de famílias", verdadeiros pioneiros, que fundaram, dias depois, a nova "Colônia Agrícola de São Bento", preparando o chão para as primeiras plantações.

Prosseguindo na publicação dos documentos existentes, acompanhamos de perto a sorte e a seqüência de sacrifícios dêstes primeiros desbravadores colonos e os que lhes seguiram.

Documento n.º 9)

Direção da Colônia Da. Francisca
aos 17 de Março de 1874.

Ilmo e Exmo. Snr.

A Direção da Colônia Dona Francisca vê-se na necessidade de solicitar a proteção de V. Excia contra as usurpações da Província do Paraná. No ano passado a Sociedade Colonisadora Hamburguesa em virtude da cláusula 18 do Contrato celebrado entre a Sociedade e o Governo Imperial de 30 de Dezembro de 1871, fundou o núcleo colonial de São Bento em terras indubitavelmente pertencentes a esta Província de Sta. Catharina. O novo núcleo está seriamente ameaçado em sua existência pela usurpação por parte da Província vizinha. Em coerência com a sede da Colônia, a Villa de Joinville, os moradores do novo núcleo colonial de São Bento não tem outro recurso, de que provêr-se da antiga Colônia como para o futuro a produção da lavoura não terá outro mercado de que a Villa de Joinville.

Mas na ida e volta os nossos colonos devem passar a Estação fiscal de Encruzilhada, que a Província vizinha sem respeitar os direitos da Província de Sta. Catarina, estabeleceu na Estrada Dona Francisca. O recebedor da Estação fiscal de Encruzilhada já começou a cobrar direitos de importação para os animais e víveres vindos de Joinville e destinados para o núcleo colonial de São Bento.

A Presidência da Província do Paraná já começou a vender terras na margem esquerda do Rio Negro e mesmo dentro dos terrenos que pelo Governo foram postos à disposição da Sociedade Colonisadora. Esta Direção já requereu embargo judicial contra um morador que fazia roçadas e mesmo principiou a construção duma casa em terras medidas e lotes já distribuídos a colonos da Sociedade Colonizadora. Apresentou este morador um título provisório da Presidência do Paraná. É claro, que tal estado anormal das cousas, que poderá provocar sérios conflitos entre os novos colonos e os dotados com tais títulos provisórios, deve prejudicar de modo sensível a colonização, se a Província vizinha por atos arbitrários continuar em apossar-se das terras que se estendem desde a Serra do Mar até o Rio Negro, terrenos que de direitos pertencem à Província de Sta. Catarina.

Deus guarde a V. Excia. Ilmo. e Exmo. Snr. Dr. João Thomé da Silva.
Dmo. Presidente da Província.

O Dir. int. da Colônia Dona Francisca, — O. Doerffel.

N.º 10)

Direção da Colônia Dona Francisca
aos 30 de Maio de 1874.

Respondendo ao Officio de V. Sa. no qual me roga de eu lhe dar três esclarecimentos sobre o Núcleo Colonial de São Bento, tenho a honra de comunicar a V. Sa. :

1. — que se tem distribuído até a presente data 84 lotes no dito lugar.

2. — que a área total d'estes lotes é 24.961.900 metros quadrados

3. — que se acham estabelecidos alli 81 famílias com mais de 330 pessoas.

Deus guarde a V. Sa. Ilmo Snr. Dr. Etienne Douat. M. D. Engenheiro das Obras Públicas da Estrada de Dona Francisca. — O Diretor int. Ottokar Doerffel.

N.º 11)

Direção da Colônia Dona Francisca, aos 17 de Julho de 1874. Ilmo e Exmo. Snr. Já em Officio de 17 de Março do ano corrente permittí-me chamar a atenção de V. Excia. ao estado melindroso, em que se acha o novo Núcleo Colonial de S. Bento devido à incerteza dos limites provinciaes. Este Núcleo he reconhecido pelo Governo Imperial como parte integrante da Colonia D. Francisca. Mas apesar do Contracto celebrado entre o Governo e a Sociedade Colonisadora e apesar dos terrenos enquanto occupados por Colonos já foram pagos à Thesouraria Nacional e consequente são de plena propriedade da Sociedade, contudo alguns moradores brasileiros dos campos de cima, dotados com títulos provisórios de compra de terras da Presidencia do Paraná, continuam a fazer roçadas dentro dos lotes dos nossos Colonos. Tal estado das cousas faz receber em breve gravissimos excessos, se a Presidencia não proteger os colonos e não fizer expulsar os intrusos. Neste respeito peço à V. Excia. dignese mandar estacionar no novo núcleo colonial de S. Bento hum destacamento de soldados, não só de proteger os colonos contra os intrusos indicados, como também contra os assaltos dos bugres, que nas vizinhanças do Núcleo Colonial se acham em maior número. O simples facto de apparecer alli huma força sem dúbida vem restabelecer a autoridade para que os intrusos se retirem e não mais perturbem a tranquillidade de São Bento.

Deo guarde V. Excia. Ilmo Snr. Dr.

João Thomé da Silva. D. mo. Presidente da Província.

O Director int.^o O. Doerffel.

N.^o 12)

Direcção da Colonia D. Francisca aos 7 de Outubro de 1874. Illmo e Exc.mo Snr.. Por Officio da 3.^a Secção da Directoria da Agricultura me foi communicado, que V. Excia. tinha dado ordens, para serem remettidas a essa Directoria 30 clavinas e as competentes munições afim de acautellarem os colonos estabelecidos em logares expostos a correirias e aggressões de indios selvagens. Agradeço à V. Excia. tal providencia.

Nas últimas semanas os bugres outra vez foram presentidos em grande número nas proximidades de São Bento e aos lados da Estrada Dona Francisca, e mesmo aconteceu, que em dia claro lançaram do matto vizinho ao meio dos trabalhadores da Estrada hum páo, sem que podião ser vistos os autores do lance. Em virtude que se trata d'um inimigo invisivel, também soldados pouco prestão contra elle, se fossem empregados em tanto número, que as sedes dos bugres poderiam ser cercadas e destruidas. O meio ainda por muito tempo efficaz he o emprego de batedores de matto.

Deos guarde V. Excia. Illmo Snr. Ministro e Secretário d'Estado dos Negocios d'Agricultura, Commercio e Obras Públicas.

N.^o 13)

Direcção da Colonia Da. Francisca, aos 14 de Novembro de 1874.

Illmo Snr. Tenho a honra de avisar a V. Sa. que aqui chegarão 125 novos imigrantes que na major parte se hão dirigir ao novo Núcleo Colonial de São Bento. Mas os meios de transporte não são immediatamente promptos e talvez passarão algumas semanas, antes que he possível, effectuar para lá o transporte destes Colonos e sua bagagem. Seria grande beneficio para estes novos immigrants que na maior parte pobres, si elles durante o tempo em que devem demorar-se nesta villa, pederião obter trabalho por jornal na Estrada Dona Francisca, para assim haver ganho, de que precisão para poder viver com suas famílias. Por isso permitto-me rogar a V. Sa. que se digne occupar estes novos immigrants nas obras da Estrada Da. Francisca.

Deos guarde V. Sa. — Illmo Snr. Dir. Etienne Douat, D. mo Engenheiro Director da Estrada Da. Francisca.

N.^o 14)

Direcção da Colonia Da. Francisca, aos 18 de Novembro de 1874.

Illmo e Exmo Snr. Já tive a honra, de tornar a pedir à V. Excia. por Officio de 8 de Outubro a remoção de alguns males, que como graves obstáculos se oppõe à colonização no novo núcleo colonial de São Bento. He muito para lastimar, quando males, que de principio são pequenos e poderião ser removidos pelo Governo por duas palavras decisivas, se arrastão de mez em mez e assim se alargão a prejuizos de graves consequencias.

Tenho jeito esperar os colonos de São Bento de mez em mez o prompto auxilio da parte do Governo Imperial, mas como este auxilio não chega, os colonos sempre se tornão de pior humor e mais descontentes e já acreditão, que são enganados e logrados. Acabão de chagar aqui mais de cem immigrants novos, na maior parte da Austria e Bavaria, gente muito boa, que em parte deixarão suas mulheres e filhos na sua patria, para os fazer vir para cá, caso que acharem boas condições aqui. As impressões que recebem os recém chegados decide sobre isso, se lhes segurem ainda muitos de seus patrios. Mas como miseravel é esta impressão quando vêem, que os colonos mais velhos se achão de mau humor e são descontentes, porque a posse dos terrenos, que lhes forão distribuidos como propriedade, é embaraçada e impedida de modo tão inexcusavel. Era me pezaroso, ficar sciente que a autorisação requerida para expellir das terras do Núcleo Colonial de São Bento os indevidamente alli intrusos, não pode ser dada, e que em geral esta questão ainda ficou sem decisão.

O facto simples he, que a área do Núcleo de São Bento, que a "Sociedade Colonisadora de 1849 em Hamburgo" occupou com colonos, em total ou em parte he reclamada como sua por um tal Francisco Antonio Maximiano, que senão em pessoa, todavia por seus parentes e amigos se introduziu nas terras e alli começou fazer suas plantações. Ha então à respeito das terras de São Bento duas partes oppostas, de um lado a Sociedade Colonisadora Hamburgueza e de outro lado o dito Francisco A. Maximiano. He claro, que para haver paz, huma destas partes deve retirar-se e a pergunta he: qual de ambas as partes tem os direitos mais fortes. A Sociedade Colonisadora basêa seus direitos no Contrato ce-

lebrado com o Governo Imperial aos 30 de Dezembro de 1871 em cujas clausulas 17 e 18 o objecto da compra está bem definida. Em contrario Francisco Antonio Maximiano basêa sua pretensão n'um titulo provisorio, passado pela Presidencia da Provincia do Paraná aos 8 de Outubro de 1872, em que, como objecto da compra se dá meia legoa de terras devolutas. Não ha dúvida que os direitos da Sociedade Colonisadora são mais antigos. 2.º) A Sociedade Colonisadora já começou a medição das terras de São Bento em Março de 1873 e procedeu em Julho de 1873 a medição especial dos terrenos situados na margem do Rio de São Bento. Sòmente em Agosto do mesmo anno, Maximiano começou derrubar huma roça dentro das terras já demarcadas pela Direcção da Colonia. Então se vê, que a Sociedade Colonisadora tomou posse das terras mais

cedo do que Maximiano. 3.º) Os terrenos medidos pela Sociedade Colonisadora já são distribuidos a Colonos e — he pago segundo recibo do Sr. Conselheiro Thesoureiro, Antonio Marques Baptista de Leão com data de 8 de Maio de 1874 e assim se tornou perfeito o respectivo Contracto de compra.

Em vista disto não pode ser duvidoso, que he Maximiano que deve ceder aos Colonos da Sociedade Colonisadora. Peço à V. Excia. com todo o respeito e instantemente, que se digne decidir esta questão quanto antes de hum ou outro modo.

Deos guarde V. Excia. — Ilmo Sr. Conselheiro Dr. José Fernandes da Costa Pereira. Ministro e Secretario d'Estado.

A Direcção da Colonia Dona Francisca.

(Continua no próximo número)



ESCREVE:

CHRIST. DEEKE

Aconteceu...

MAIO DE 1961

1.º — As festividades do "Dia do Trabalho", promovidas, em grande estilo pelos sindicatos, comparece o senhor Governador do Estado, sr. Celso Ramos que, dias antes, já chegara a esta cidade, acompanhado, em carro aberto, ladeado pelas autoridades locais, pelo cortêjo que, após atos religiosos nas diversas igrejas da cidade, se formou e seguiu da praça Victor Konder para o Campo do Olímpico, local dos festejos.

5 — Sob o patrocínio do Lions Clube exhibe-se no Cine Blumenau o filme "A morte comanda o Cangaço", revertendo o lucro em beneficio do Grupo local de escoteiros, mantido pela entidade patrocinadora do espetáculo.

8 — De regresso do Rio de Janeiro, onde se encontrava desde 27 do mês passado, tratando de assuntos de interesse administrativo, reassume o exercício do cargo de chefe do executivo municipal, o prefeito Hercílio Deeke. Na entrevista dada, em seguida, à imprensa, êle fala do seu contacto

com o chefe do Dep. Nacional de Portos e Canais, sôbre as obras projetadas no Itajaí Açu e canalização do Ribeirão Bom Retiro, bem como o seu empenho junto às autoridades competentes, para obtenção de auxilio ao Hospital Santo Antônio.

9 — Publicação, pela imprensa, da comunicação do SENAM acusando ao prefeito municipal, o recebimento da documentação das reivindicações de Blumenau junto ao govêrno Jânio Quadros.

10 — Comunicação da ACIB do resultado da eleição da nova diretoria, permanecendo na presidência o sr. Júlio Zadrosny e vice-presidentes os srs. Alfredo Freshel e Carlos Heinz Büchler.

— O tradicional Colégio "Santo Antônio", dos reverendos padres Franciscanos, desta cidade, é considerado de utilidade pública pela lei 1004, dêste anno.

15 — Ocorre outro caso de suicídio, sendo protagonista a jovem Eunice Teixeira, do bairro da Velha.

16 — Foi aprovado pela Câmara Municipal, o projeto que concede ao funcionalismo o aumento de 60% sobre os salários, a partir de abril, sendo, entretanto prorrogado o expediente para sete horas diárias para evitar a necessidade de admissão de novos funcionários.

16 — Na reunião da Câmara Municipal, o vereador Abel Ávila dos Santos apresenta projeto dando o nome de "Pedro Krauss" à escola municipal da rua Xapecó, tendo sido o saudoso cidadão proprietário da quase totalidade dos terrenos daquele hoje populoso bairro, tendo vendido os lotes a preços e condições acessíveis à classe mais humilde.

19 — Festa da cumieira do "Grande Hotel Blumenau", de 14 andares, o mais alto prédio de Santa Catarina, empreendimento da "Companhia Melhoramentos de Blumenau", em construção pela firma Kaestner & Almeida.

21 — Como nos anos anteriores, foi grandiosa a festa de Pentecostes, celebrada pela matriz católica, sendo todo o lucro dos festejos populares destinado à conclusão da torre e escadarias. O novo bispo Dom Quirino Schmitz, natural de Gaspar, benze as escadas, tendo o prefeito Hercílio Deeke cortado a fita simbólica.

— Em homenagem ao saudoso blumenauense recém-falecido, passará a rua Sergipe a chamar-se "Rua Victor Hering".

— Nas matas da Velha, onde se encontrava caçando, o sr. Curt Schneider, após ter matado uma aracuã, observando movimento entre plantas rasteiras, julgou tratar-se de outra ave, atirou, matando um homem que lá estava colhendo cipós, o sr. Hermann Friese, pai de sete filhos.

25 — A imprensa e rádio salientam o significado do 25.º aniversário da fundação da Indústria Têxtil "ARTEX", especializada em tecidos felpudos. Comemorando a data, realizam-se várias festividades, destacando-se a homenagem à memória do fundador da firma, Teófilo Zadrozny, há pouco falecido. A vereador Vitorio Pfiffer, do bairro do Garcia, onde se encontra a fábrica, solicita a inserção em ata, de um voto de congratulações.

— Começa a demolição do antigo prédio do fóro, destruído por um incêndio.

24 — No quartel do 23 RI realizam-se festividades comemorativas da vitória dos brasileiros na guerra do Paraguai.

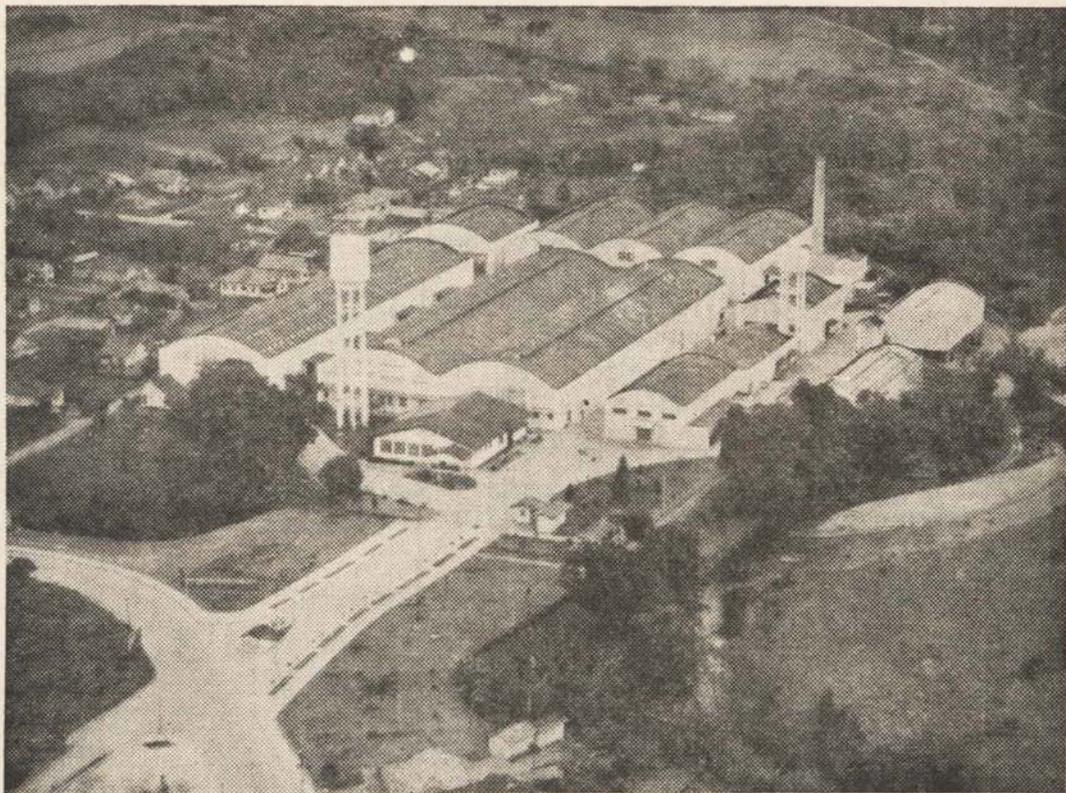
26 — Visita a cidade o cinegrafista alemão Hugo Niebeling, detentor do primeiro prêmio da Exposição de Filmes Industriais de Ruen, França, e que está realizando um filme em que Santa Catarina será focalizada com destaque, salientando-se cenas pitorescas de Blumenau e outros centros de colonização alemã.

29 — O sr. Olímpio da Silveira, motorista de taxi, transportando dois passageiros desconhecidos, numa esquina escura, perto do Colégio Pedro II, foi atacado pelos mesmos a golpe de machado, tendo, entretanto os agressores fugido à aproximação de outro carro. A vítima foi hospitalizada com ferimentos graves.

31 — Comemorando os centenários de nascimento de Liszt e de Chopin, ocorridos neste ano, o Conservatório "Curt Hering" oferece uma apresentação de obras dos dois grandes compositores pelo pianista Henry Jolles que, no início, discorreu sobre as obras dos grandes músicos homenageados.



A 28 DE SETEMBRO DE 1894, realizaram-se as eleições para governador do Estado, após a revolução que convulsionara o país. Foram eleitos Hercílio Luz para governador e Polydoro Santiago para vice-governador. Em Blumenau foram eleitos deputados estaduais Bonifácio Cunha, Luiz Abry e Manoel dos Santos Lostada. O dr. Vitorino de Paula Ramos, agente de terras, foi eleito deputado federal.



VISTA AÉREA DAS DEPENDÊNCIAS DO DEPARTAMENTO DE
FUMO DA CIA. DE CIGARROS SOUZA CRUZ,
SITUADA À RUA AMAZONAS, 2.500.

BLUMENAU

—

SANTA CATARINA

Empresã Industrial Garcia S. A.

BLUMENAU — Estado de Santa Catarina

Escritório e Fábrica: Rua Amazonas, 4906/Garcia

Enderêço Telegráfico : "Garcia" Caixa Postal N.º 22

Fiação e Tecelagem de Algodão

FIOS DE ALGODÃO DE SUPERIOR QUALIDADE
TOALHAS FELPUDAS DE ROSTO E DE BANHO
TOALHAS DE MESA — PANOS DE COPA — LEN-
ÇOS — ROUPÕES, ETC. — ATOALHADOS CRE-
TONES E OUTROS TECIDOS